

Sequência didática

Escola: Escola Estadual Fidelino Figueiredo

Público-alvo: alunos do 7º ano do ensino fundamental

Disciplina: Língua portuguesa

Tema: Gênero crônica

Professora supervisora: Analu Pandorf Mercante

Estagiária: Beatriz Souza Ferreira

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Quantidade de aulas previstas para a realização da sequência didática: 10 aulas de 50 minutos cada.

Recursos necessários: dispositivo com conexão à internet.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

1. Atividade inicial

1.1. Atividade de sensibilização

Alunos, vamos falar um pouco sobre o gênero crônica?

- a) Alguém já sabe o que é uma crônica?
- b) Quem já leu alguma crônica e ainda se lembra?
- c) Se você se lembra, o que te chamou a atenção?
- d) Recorda-se do autor? E do lugar em que leu?

Agora vamos falar um pouco sobre a escravidão e seus reflexos, tudo bem?

- O que vocês pensam sobre a escravidão? O quanto conhecem do assunto?
- Quais são as consequências da escravidão para a sociedade e especialmente para negros e pobres?
- Na opinião de vocês, além daqueles casos de exploração e trabalho escravo que são denunciados, algumas vezes, pela mídia, há ainda formas mais modernas de escravidão, métodos de escravidão que se utilizam de outra forma para obrigar as pessoas a executar uma atividade? Se sim, quais?

1.2. Já que agora vocês têm uma ideia do que é uma crônica e já falamos um pouco sobre escravidão e racismo, e também falamos sobre o quanto isso influi sobre nosso modo de vida hoje, vamos ler uma crônica escrita por um autor negro, há muitos anos, e mais uma coisa,

mesmo tendo sido escrita há tantos anos, quando a escravidão era um tema recente, por um negro, ela foi publicada em um jornal carioca, sabem por quê? Porque este escritor era Machado de Assis. Vamos fazer o seguinte, primeiro todos lemos em silêncio e devido às circunstâncias, aula remota, eu faço uma leitura em voz alta para todos. O nome da crônica é *Um caso de burro*.

Um caso de burro- crônica de Machado de Assis

Quinta-feira à tarde, pouco mais de três horas, vi uma coisa tão interessante, que determinei logo de começar por ela esta crônica. Agora, porém, no momento de pegar na pena, receio achar no leitor menor gosto que eu para um espetáculo, que lhe parecerá vulgar, e porventura torpe. Releve a importância; os gostos não são iguais.

Entre a grade do jardim da Praça Quinze de Novembro e o lugar onde era o antigo passadiço, ao pé dos trilhos de bondes, estava um burro deitado. O lugar não era próprio para remanso de burros, donde concluí que não estaria deitado, mas caído. Instantes depois, vimos (eu ia com um amigo), vimos o burro levantar a cabeça e meio corpo. Os ossos furavam-lhe a pele, os olhos meio mortos fechavam-se de quando em quando. O infeliz cabeceava, mas tão frouxamente, que parecia estar próximo do fim.

Diante do animal havia algum capim espalhado e uma lata com água. Logo, não foi abandonado inteiramente; alguma piedade houve no dono ou quem quer que seja que o deixou na praça, com essa última refeição à vista. Não foi pequena ação. Se o autor dela é homem que leia crônicas, e acaso ler esta, receba daqui um aperto de mão. O burro não comeu do capim, nem bebeu da água; estava já para outros capins e outras águas, em campos mais largos e eternos. Meia dúzia de curiosos tinha parado ao pé do animal. Um deles, menino de dez anos, empunhava uma vara, e se não sentia o desejo de dar com ela na anca do burro para espetá-lo, então eu não sei conhecer meninos, porque ele não estava do lado do pescoço, mas justamente do lado da anca. Diga-se a verdade; não o fez – ao menos enquanto ali estive, que foram poucos minutos. Esses poucos minutos, porém, valeram por uma hora ou duas. Se há justiça na Terra valerão por um século, tal foi a descoberta que me pareceu fazer, e aqui deixo recomendada aos estudiosos.

O que me pareceu, é que o burro fazia exame de consciência. Indiferente aos curiosos, como ao capim e à água, tinha no olhar a expressão dos meditativos. Era um trabalho interior e profundo. Este remoque popular: por pensar morreu um burro mostra que o fenômeno foi mal entendido dos que a princípio o viram; o pensamento não é a causa da morte, a morte é que o torna necessário. Quanto à matéria do pensamento, não há dúvidas que é o exame da consciência. Agora, qual foi o exame da consciência daquele burro, é o que presumo ter lido no escasso

tempo que ali gastei. Sou outro Champollion, porventura maior; não decifrei palavras escritas, mas ideias íntimas de criatura que não podia exprimi-las verbalmente.

E diria o burro consigo:

“Por mais que vasculhe a consciência, não acho pecado que mereça remorso. Não furtei, não menti, não matei, não caluniei, não ofendi nenhuma pessoa. Em toda a minha vida, se dei três coices, foi o mais, isso mesmo antes de haver aprendido maneiras de cidade e de saber o destino do verdadeiro burro, que é apanhar e calar. Quando ao zurro, usei dele como linguagem. Ultimamente é que percebi que me não entendiam, e continuei a zurrar por ser costume velho, não com ideia de agravar ninguém. Nunca dei com homem no chão. Quando passei do tálburi ao bonde, houve algumas vezes em que vi homem morto ou pisado na rua, mas a prova de que a culpa não era minha, é que nunca segui o cocheiro na fuga; deixava-me estar aguardando autoridade.”

“Passando à ordem mais elevada de ações, não acho em mim a menor lembrança de haver pensado sequer na perturbação da paz pública. Além de ser a minha índole contrária a arruaças, a própria reflexão me diz que, não havendo nenhuma revolução declarado os direitos do burro, tais direitos não existem. Nenhum golpe de estado foi dado em favor dele; nenhuma coroa os obrigou. Monarquia, democracia, oligarquia, nenhuma forma de governo, teve em conta os interesses da minha espécie. Qualquer que seja o regime, ronca o pau. O pau é a minha instituição um pouco temperada pela teima que é, em resumo, o meu único defeito. Quando não teimava, mordida o freio dando assim um bonito exemplo de submissão e conformidade. Nunca perguntei por sóis nem chuvas; bastava sentir o freguês no tálburi ou o apito do bonde, para sair logo. Até aqui os males que não fiz; vejamos os bens que pratiquei.”

“A mais de uma aventura amorosa terei servido, levando depressa o tálburi e o namorado à casa da namorada – ou simplesmente empacando em lugar onde o moço que ia ao bonde podia mirar a moça que estava na janela. Não poucos devedores terei conduzido para longe de um credor importuno. Ensinei filosofia a muita gente, esta filosofia que consiste na gravidade do porte e na quietação dos sentidos. Quando algum homem, desses que chamam patuscos, queria fazer rir os amigos, fui sempre em auxílio deles, deixando que me dessem tapas e punhadas na cara. Enfim...”

Não percebi o resto, e fui andando, não menos alvoroçado que pesaroso. Contento da descoberta, não podia furtar-me à tristeza de ver que um burro tão bom pensador ia morrer. A consideração, porém, de que todos os burros devem ter os mesmos dotes principais, fez-me ver que os que

ficavam não seriam menos exemplares do que esse. Por que se não investigará mais profundamente o moral do burro? Da abelha já se escreveu que é superior ao homem, e da formiga também, coletivamente falando, isto é, que as suas instituições políticas são superiores às nossas, mais racionais. Por que não sucederá o mesmo ao burro, que é maior?

Sexta-feira, passando pela Praça Quinze de Novembro, achei o animal já morto. Dois meninos, parados, contemplavam o cadáver, espetáculo repugnante; mas a infância, como a ciência, é curiosa sem asco. De tarde já não havia cadáver nem nada. Assim passam os trabalhos deste mundo. Sem exagerar o mérito do finado, força é dizer que, se ele não inventou a pólvora, também não inventou a dinamite. Já é alguma coisa neste final de século. *Requiescat in pace.* FONTE??

Atividade inicial

a) Compreensão e interpretação do texto:

Agora que lemos os textos, vocês têm dúvida sobre palavras ou termos do texto? Por favor, quem tiver, diga, para podermos tais dúvidas. Agora peço que respondam às seguintes questões:

- O que sabem sobre esse autor? (Se alguém conhece, vou solicitar que diga o que sabe, se não, farei uma breve apresentação do autor e sua obra);
- A que período os fatos do texto remetem? Quais as marcas que poderiam indicar o tempo?
- Qual o local em que os fatos se dão? Tem algum apelo histórico? Vamos lá, façam uma busca rápida no site de pesquisas sobre a Praça que é citada no texto, qual é praça mesmo? Sim, vamos descobrir se ela tem algum significado histórico.
- Como a crônica é iniciada? Qual a relação entre tais termos e o gênero crônica?
- Qual o tema abordado no texto?
- Essa crônica seria hoje mais comum em um jornal ou em livro de literatura, por quais razões?
- E o tema que ela aborda é atual? Por quê?
- O burro quando mais jovem e saudável era útil?
- O fato de ser ele já um animal velho e doente tem relação com seu final trágico?

- Os animais, via de regra, não falam, não pensam, entretanto, o burro da crônica não só exprime seus pensamentos, como é chamado de inteligente pelo narrador: *“Contente da descoberta, não podia furtar-me à tristeza de ver que um burro tão bom pensador ia morrer”*. Pode-se afirmar, a partir disto, que o burro poderia representar, com as devidas adaptações algum ser humano ou algum grupo social? Em caso positivo, quais?
- No seguinte trecho, o burro reflete sobre seu gênio obediente e em como não há lei para protegê-lo e à sua espécie. Até o final do século XIX, não havia leis de proteção aos negros, de forma que eram comercializados e marginalizados. Hoje há leis de racismo e de injúria racial. Na sua opinião, essas leis funcionam? Por quê?

“Além de ser a minha índole contrária a arruaças, a própria reflexão me diz que, não havendo nenhuma revolução declarado os direitos do burro, tais direitos não existem. Nenhum golpe de estado foi dado em favor dele; nenhuma coroa os obrigou. Monarquia, democracia, oligarquia, nenhuma forma de governo, teve em conta os interesses da minha espécie.”

b) E então vamos às questões sobre aspectos linguísticos e discursivos do texto:

- O tempo apresentado na crônica permite-nos inferir que retrata uma determinada época. Qual a relação dessa época com a temática levantada no texto?
- E do local em que ocorrem os fatos narrados?
- O texto possui palavras que provavelmente não são usadas no cotidiano? Indique quais.
- No seguinte trecho, o narrador parece estabelecer um diálogo com o leitor. Como isto está retratado e o qual solução ele encontra para o problema que propõe?

“Agora, porém, no momento de pegar na pena, receio achar no leitor menor gosto que eu para um espetáculo, que lhe parecerá vulgar, e porventura torpe. Releve a importância; os gostos não são iguais.”

- No seguinte trecho:

“Diante do animal havia algum capim espalhado e uma lata com água. Logo, não foi abandonado inteiramente; alguma piedade houve no dono ou quem quer que seja que o deixou na praça, com essa última refeição à vista. Não foi pequena ação. Se o autor dela é homem que leia crônicas, e acaso ler esta, receba daqui um aperto de mão.”

Ocorre uma figura de linguagem que tem por finalidade mostrar que há uma grande disparidade entre a agressão contra o animal e a tentativa de amenizar tal agressão. Qual é a figura? Pode-se estabelecer uma relação entre essa figura de linguagem e as famosas notas de desculpas que

grandes empresas soltam hoje em suas redes sociais e canais oficiais para se desculparem por crimes que são recorrentes em suas lojas? Discorra sobre.

- No texto, há um burro capaz de pensar em si e na sua espécie como seres que não cometem nenhum dano, mas que são marginalizados e maltratados. Pode-se imaginar por qual razão esse burro poderia se assemelhar a uma pessoa?
- Na sequência:

“Não poucos devedores terei conduzido para longe de um credor importuno. Ensinei filosofia a muita gente, esta filosofia que consiste na gravidade do porte e na quietação dos sentidos. Quando algum homem, desses que chamam patuscos, queria fazer rir os amigos, fui sempre em auxílio deles, deixando que me dessem tapas e punhadas na cara. Enfim...”

podemos observar a decepção do burro. Por que se dá tal decepção? Explique.

c) Pessoal, estamos falando de uma crônica, certo? Então se nós podemos dizer que este texto é uma crônica, significa que não pode ser um poema, nem um conto, nem uma receita de bolo, então, vamos ver quais são as características que fazem deste texto uma crônica?

- A narrativa é breve ou longa?
- Está narrada em qual pessoa do discurso?
- Se não soubéssemos que o texto é uma crônica de antemão, quais as características que permitiriam afirmar que se trata de uma crônica?
- Observe cada parágrafo do texto e aponte quais são as etapas desenvolvidas na narrativa.

2. MÓDULO I (Aulas 3 e 4)

2.1. Atividade de sensibilização

Queridos alunos, nós já falamos sobre crônica, não? Então agora vocês vão me responder algumas perguntas:

- a) Alguém já pode dizer o que é uma crônica?
- b) Na primeira atividade, foi vista uma crônica antiga, alguém ainda se lembra dela?
- c) Se você se lembra, o que te chamou a atenção, de que assunto tratava?
- d) Quem é o autor daquela crônica?

e) A qual tempo a crônica está ligada?

Em uma das nossas aulas passadas, com aquela crônica do Machado de Assis, conversamos brevemente sobre escravidão, racismo, problemas que atravessam séculos, recordam-se? Então vamos falar sobre outro assunto que atravessa séculos também.

- O que vocês pensam sobre a desigualdade social?
- Podem dar exemplos que caracterizem situações de desigualdade?
- Na opinião de vocês, qual a razão ou quais as razões para que a desigualdade social seja tão alta no Brasil, por exemplo?
- Além do Brasil, em quais outros lugares vocês acreditam que a desigualdade seja tão alta e por quê?
- Na opinião de vocês, existe solução para esse problema? Por quê?

Vejam a imagem que estou projetando aqui. Eu quero saber o que cada um tem a dizer sobre ela. Quem quer começar?



Disponível em:

https://www.reddit.com/r/brasil/comments/a4o2h5/algum_sabe_onde_esta_foto_foi_tirada/. Acesso em dez. 2020.

2.2. Alunos, uma vez que já conversamos um pouco sobre a figura, vamos ler aqui a crônica *Que vontade de chorar* de Rubem Alves, que dialoga com a imagem acima. Vamos manter essa ordem de uma primeira leitura silenciosa e depois eu faço a leitura em voz alta.

Que vontade de chorar- crônica de Rubem Alves

Era uma manhã fresca e transparente de primavera. Parei o carro na luz vermelha do semáforo. Olhei para o lado – e lá estava ela, menina, dez anos, não mais. O seu rosto era redondo, corado e sorria para mim. “O senhor compra um pacotinho de balas de goma? Faz tempo que o senhor não compra...” Sorri para ela, dei-lhe uma nota de um real e ela me deu o pacotinho de balas. Ela ficou feliz. Aí a luz ficou verde e eu acelerei o carro, não queria que ela percebesse que meus olhos tinham ficado repentinamente úmidos.

Quando eu era menino, lá na roça, havia uma mata fechada. Os grandes, malvados, para me fazer sofrer, diziam que na mata morava um menino como eu. “Quer ver?”, eles perguntavam. E gritavam: “Ô menino!” E da mata vinha uma voz: “Ô menino!” Eu não sabia que era um eco. E acreditava. Nas noites frias, na cama, eu sofria, pensando no menino, sozinho, na mata escura. Onde estaria dormindo? Teria cobertores? Os seus pais, onde estariam? Será que eles o haviam abandonado? É possível que os pais abandonem os filhos?

Sim, é possível. João e Maria, abandonados sozinhos na floresta. Os seus pais os deixaram lá para serem devorados pelas feras. Diz a estória que eles fizeram isso porque já não tinham mais comida para eles mesmos. Será que os pais, por não terem o que comer, abandonam os filhos? Será por isso que as crianças são vistas frequentemente na floresta vendendo balas de goma? Será que havia balas de goma na cesta que Chapeuzinho Vermelho levava para a avó? Será que a mãe de Chapeuzinho queria que ela fosse devorada pelo lobo? Essa é a única explicação para o fato de que ela, mãe, enviou a menina sozinha numa floresta onde um lobo estava à espera. Num dos contos de Andersen uma menininha vendia fósforos de noite na rua (se fosse aqui estaria num semáforo), enquanto a neve caía. Mas ninguém comprava. Ninguém estava precisando de fósforos. Por que uma menininha estaria vendendo fósforos numa noite fria? Não deveria estar em casa, com os pais? Talvez não tivesse pais. Fico a pensar nas razões que teriam levado Andersen a escolher caixas de fósforos como a coisa que a menininha estava a vender, sem que ninguém comprasse. Acho que é porque uma caixa de fósforos simboliza calor. Dentro de uma caixa de fósforos estão, sob a forma de sonhos, um fogão aceso, uma panela de sopa, um quarto aquecido... Ao pedir que lhe comprassem uma caixa de fósforos numa noite fria a menininha estava pedindo que lhe dessem um lar aquecido. Lar é um lugar quente. Pois, se você não sabe, consulte o Aurélio. E ele vai lhe dizer que o primeiro sentido de “lar” é “o lugar da cozinha onde se acende o fogo.” De manhã a menininha estava morta na neve, com a caixa de fósforos na mão. Fria. Não encontrou um lar.

Um supermercado é uma celebração de abundância. No estacionamento as famílias enchem os porta-malas dos seus carros com coisas boas de se comer. “Graças a Deus!”, eles dizem. Do

lado de fora, os famintos, que os guardas não deixam entrar. Se entrassem no estacionamento a celebração seria perturbada. “Dona, me dá uns trocados?” O menino estava do lado de fora. Rosto encostado na grade, o braço esticado para dentro do espaço proibido, na direção da mulher. A mulher tirou um real da bolsa e lhe deu. Mas esse gesto não a tranquilizou. Queria saber um pouco mais sobre o menino. Puxou prosa. “Para que você quer o dinheiro?” perguntou. “Prá voltar prá onde eu durmo.” “E onde é a sua casa?” “Não vou voltar prá casa. Eu não moro em casa. Eu durmo na rua. Fugi da minha casa por causa do meu pai...”

Em muitas estórias o pai é pintado como um gigante horrendo que devora as crianças. Na estória do “João e o pé de feijão” ele é um ogro que mora longe, muito alto, nas nuvens, onde goza sozinho os prazeres da galinha dos ovos de ouro e da harpa encantada. Mãe e filho, lá embaixo, morrem de fome. Por vezes as crianças estão mais abandonadas com os pais que longe deles. Como aconteceu com a Gata Borracheira. Seu lar estava longe da mãe-madrasta e das irmãs: como uma gata, o borralho do fogão era o único lugar onde encontrava calor.

E comecei a pensar nas crianças que, para comer, fazem ponto nos semáforos, vendendo balas de goma, chocolate bis, biju. Ou distribuindo folhetos... Ah! Os inúteis folhetos que ninguém lê e ninguém quer e que serão amassados e jogados fora. O impulso é fechar o vidro e olhar para a criança com olhar indiferente – como se ela não existisse. Mas eu não aguento. Imagino o sofrimento da criança. Abro o vidro, recebo o papel, agradeço e ainda pergunto o nome. Depois, discretamente, amasso o papel e ponho no lixinho...

E há também os adolescentes que querem limpar o pára-brisa do carro por uma moeda. Já sou amigo da “turma” que trabalha no cruzamento da avenida Brasil com a avenida Orozimbo Maia. Um deles, o Pelé, tem inteligência e humor para ser um “relações-públicas”...

Lembro-me de um menino que encontrei no aeroporto de Guarapuava. No seu rosto, mistura de timidez e esperança. “O senhor compra um salgadinho para me ajudar?” Ficamos amigos e depois descobrimos que a mulher para quem ele vendia os salgadinhos o enganava na hora do pagamento...

Um outro, no aeroporto de Viracopos, era engraxate. O pai sofrera um acidente e não podia trabalhar. Tinha de ganhar R\$ 20.00. Mas só podia trabalhar enquanto o engraxate adulto, de cadeira cativa, não chegava. Tinha, portanto, de trabalhar rápido. Tivemos um longa conversa sobre a vida que me deixou encantado com o seu caráter e inteligência – ao ponto de ele delicadamente me repreender por um juízo descuidado que emiti, pelo que me desculpei.

E me lembrei das meninas e meninos ainda mais abandonados que nada têm para vender e que, à noitinha, nos semáforos (onde serão suas casas?), pedem uma moedinha...

Houve uma autoridade que determinou que as crianças fossem retiradas da rua e devolvidas aos seus lares. Ela não sabia que, se as crianças estão nas ruas, é porque as ruas são o seu lar. Nos semáforos, de vez em quando, elas encontram olhares amigos.

Os especialistas no assunto já me disseram que não se deve ajudar pessoas nos semáforos, pois isso é incentivar a malandragem e a mendicância. Mas me diga: o que vou dizer àquela criança que me olha e pede: “Compre, por favor...”? Vou lhe dizer que já contribuo para uma instituição legalmente credenciada? Me diga: o que é que eu faço com o olhar dela?

Minhas divagações me fizeram voltar ao *Irmãos Karamazóvi*, de Dostoiévski. Um dos seus trechos mais pungentes é uma descrição que faz Ivan, ateu, a seu irmão Alioscha, monge, da crueldade de um pai e uma mãe para com a sua filhinha. “Espancavam-na, chicoteavam-na, pisoteavam-na, sem mesmo saber por que o faziam. O pobre corpinho vivia coberto de equimoses. Chegaram depois aos requintes supremos: durante um frio glacial, encerraram-na a noite inteira na privada sob o pretexto de que a pequena não pedia para se levantar à noite (como se uma criança de cinco anos, dormindo o seu sono de anjo, pudesse sempre pedir a tempo para sair!). Como castigo, maculavam-lhe o rosto com os próprios excrementos e a obrigavam a comê-los. E era a mãe que fazia isso – a mãe! Imagina essa criaturinha, incapaz de compreender o que lhe acontecia, e que no frio, na escuridão e no mau cheiro, bate com os punhos minúsculos no peito, e chora lágrimas de sangue, inocentes e mansas, pedindo a ‘Deus que a acuda’. Todo o universo do conhecimento não vale o pranto dessa criança suplicando a ajuda de Deus.”

Num parágrafo mais tranquilo o starets Zossima medita “Passas por uma criancinha: passas irritado, com más palavras na boca, a alma cheia de cólera; talvez tu próprio não avistasses aquela criança; mas ela te viu, e quem sabe se tua imagem ímpia e feia não se gravou no seu coração indefeso! Talvez o ignores, mas quem sabe se já disseminaste na sua alminha uma semente má que germinará! Meus amigos: pedi a Deus alegria! Sede alegres com as crianças, como os pássaros do céu.”

Quando essas imagens começaram a aparecer na minha imaginação comecei a ouvir (essas músicas que ficam tocando, tocando, na cabeça...) sem que a tivesse chamado aquela canção “Gente humilde”, letra do Vinícius, música do Chico. “Tem certos dias em que eu penso em minha gente e sinto assim todo o meu peito se apertar...” Pelo meio o Vinícius conta da sua comoção ao ver “as casas simples com cadeiras nas calçadas e na fachada escrito em cima que é um lar”. Termina, então, dizendo: “E aí me dá uma tristeza no meu peito feito um despeito de eu não ter como lutar. E eu que não creio peço a Deus por minha gente. É gente humilde. Que vontade de chorar.”

Se fosse hoje o Vinícius não teria vontade de chorar. Ele riria de felicidade ao ver as cadeiras nas calçadas e as fachadas escrito em cima que é um lar... Vontade de chorar ele teria vendo

essa multidão de crianças abandonadas, entregues ou à indiferença ou à maldade dos adultos: “E aí me dá uma tristeza no meu peito feito um despeito de eu não saber como lutar...” Só me restam meu inútil sorriso, minhas inúteis palavras, meu inútil Real por um pacotinho de balas de goma...

2.3- Atividades com o texto

a) Compreensão e interpretação do texto:

Agora vamos resolver as seguintes questões:

1. Quem é o autor da crônica? É conhecido, já escreveu outras obras? De que tipo?
2. A crônica parece ser antiga ou atual? Por quê?
3. Qual o tema abordado?
4. O que acontece com o narrador do texto enquanto sai de carro pelas ruas? Quais pessoas e situações ele descreve?
5. A partir do trecho: *“o que vou dizer àquela criança que me olha e pede: “Compre, por favor...”? Vou lhe dizer que já contribuo para uma instituição legalmente credenciada? Me diga: o que é que eu faço com o olhar dela?”*, podemos entender que o narrador compra ou não a bala oferecida? Por quê?
6. Segundo o narrador, *“Por vezes as crianças estão mais abandonadas com os pais que longe deles”*, como vocês entendem essa afirmação?
7. O autor cita algumas obras ao longo do texto e cita duas obras infantis *“João e o pé de feijão”* e *“Cinderela”* para falar sobre o abandono dos pais. Caso você não conheça essas histórias, pesquise sobre elas e diga porque é possível entender que as personagens foram abandonadas pelos pais.
8. As crianças estão vendendo mercadorias, estão trabalhando. Considerando que elas deveriam estar na escola ou brincando, já que o trabalho infantil é proibido, discuta sobre como é possível crianças trabalhando à luz do dia, sem que haja problemas para ela ou os pais.

b) E agora, alunos, vocês vão resolver questões sobre aspectos linguísticos e discursivos do texto:

1. A narrativa retrata um fato passado ou presente? Indique os termos que revelam o tempo marcado (passado ou presente).

2. No trecho: *“Aí a luz ficou verde e eu acelerei o carro”*, o que o termo *aí* indica? Tempo ou lugar? Explique.

3. E no trecho: *“Os grandes, malvados, para me fazer sofrer, diziam que na mata morava um menino como eu. “Quer ver?”, eles perguntavam. E gritavam: “Ô menino!” E da mata vinha uma voz: “Ô menino!” Eu não sabia que era um eco. E acreditava.”*. Como é possível observar, o narrador repete falas de personagens da sua infância e para isso utiliza-se de aspas para se referir a tais falas. Na sua opinião, qual seria a razão para o personagem usar essa marcação da fala de outros personagens? Se ele se referisse à fala de outras pessoas sem as aspas, haveria diferença de sentido? Explique. (Lembre-se que quando contamos histórias procuramos ser o mais fiéis possível para os outros acreditarem em nós).

4. Na sequência: *“Querida saber um pouco mais sobre o menino. Puxou prosa. “Para que você quer o dinheiro?” perguntou. “Prá voltar prá onde eu durmo.” “E onde é a sua casa?” “Não vou voltar prá casa. Eu não moro em casa. Eu durmo na rua. Fugi da minha casa por causa do meu pai...”*, segundo a gramática tradicional, o correto é escrever para e não “pra”, como está na passagem do texto. Para você, qual a razão para a forma considerada incorreta ter sido utilizada pelo autor? Pense em quem está conversando com o narrador...

5. Na passagem do texto: *“aquela canção “Gente humilde”, letra do Vinícius, música do Chico. “Tem certos dias em que eu penso em minha gente e sinto assim todo o meu peito se apertar...”*, qual seria a razão para o compositor da canção ter vontade de chorar? Qual a relação da música com o título do texto e com o tema? Se tiver dificuldade, faça uma busca pela letra da canção na internet, para ajudar a desenvolver sua reflexão.

6. No trecho: *“Pelo meio o Vinícius conta da sua comoção ao ver “as casas simples com cadeiras nas calçadas e na fachada escrito em cima que é um lar”*, o autor destaca uma parte da música citada que traz o tema do lar, o qual pode ser uma casa bem simples. Para você, o que significa um lar?

c) A estrutura do gênero crônica:

1) Quais as características estruturais do texto lido?

2) O texto fala de um momento específico na vida do narrador? Se sim, qual?

3) Apesar de ser um texto que fala de um dia na vida do narrador, poderia dizer que essa cena que ele narra deve se repetir cada vez que ele sai de casa? Se sim, por quê?

3. MÓDULO II (Aulas 5 e 6)

3.1. Atividade de sensibilização

- Na última aula lemos um texto de qual gênero?
- E qual era mesmo a temática?
- Na opinião de vocês, crianças abandonadas são de responsabilidade de quem?

3.2. Vamos ler um texto que trata desta questão. Primeiro, vamos ler todos em silêncio e depois faço a leitura compartilhada.

De quem são os meninos de rua- Marina Colasanti

Eu, na rua, com pressa, e o menino segurou no meu braço, falou qualquer coisa que não entendi. Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava. Queria saber a hora.

Talvez não fosse um Menino De Família, mas também não era um Menino De Rua. É assim que a gente divide. Menino De Família é aquele bem-vestido com tênis da moda e camiseta de marca, que usa relógio e a mãe dá outro se o dele for roubado por um Menino De Rua. Menino De Rua é aquele que quando a gente passa perto segura a bolsa com força porque pensa que ele é pivete, trombadinha, ladrão.

Ouvindo essas expressões tem-se a impressão de que as coisas se passam muito naturalmente, uns nascendo De Família, outros nascendo De Rua. Como se a rua, e não uma família, não um pai e uma mãe, ou mesmo apenas uma mãe os tivesse gerado, sendo eles filhos diretos dos paralelepípedos e das calçadas, diferentes, portanto, das outras crianças, e excluídos das preocupações que temos com elas. É por isso, talvez, que, se vemos uma criança bem-vestida chorando sozinha num shopping center ou num supermercado, logo nos acercamos protetores, perguntando se está perdida, ou precisando de alguma coisa. Mas se vemos uma criança maltrapilha chorando num sinal com uma caixa de chicletes na mão, engrenamos a primeira no carro e nos afastamos pensando vagamente no seu abandono.

Na verdade, não existem meninos De Rua. Existem meninos NA rua. E toda vez que um menino está NA rua é porque alguém o botou lá. Os meninos não vão sozinhos aos lugares.

Assim como são postos no mundo, durante muitos anos também são postos onde quer que estejam. Resta ver quem os põe na rua. E por quê.

No Brasil temos 36 milhões de crianças carentes. Na China existem 35 milhões de crianças superprotegidas. São filhos únicos resultantes da campanha *Cada Casal um Filho*, criada pelo governo em 1979 para evitar o crescimento populacional. O filho único, por receber afeto "em demasia", torna-se egoísta, preguiçoso, dependente, e seu rendimento é inferior ao de uma criança com irmãos. Para contornar o problema, já existem na China 30 mil escolas especiais. Mas os educadores admitem que "ainda não foram desenvolvidos métodos eficazes para eliminar as deficiências dos filhos únicos".

O Brasil está mais adiantado. Nossos educadores sabem perfeitamente o que seria necessário para eliminar as deficiências das crianças carentes. Mas aqui também os "métodos ainda não foram desenvolvidos".

Quando eu era criança, ouvi contar muitas vezes a história de João e Maria, dois irmãos filhos de pobres lenhadores, em cuja casa a fome chegou a um ponto em que, não havendo mais comida nenhuma, foram levados pelo pai ao bosque, e ali abandonados. Não creio que os 7 milhões de crianças brasileiras abandonadas conheçam a história de João e Maria. Se conhecessem talvez nem vissem a semelhança. Pois João e Maria tinham uma casa de verdade, um casal de pais, roupas e sapatos. João e Maria tinham começado a vida como Meninos De Família, e pelas mãos do pai foram levados ao abandono.

Quem leva nossas crianças ao abandono? Quando dizemos "crianças abandonadas" subentendemos que foram abandonadas pela família, pelos pais. E, embora penalizados, circunscrevemos o problema ao âmbito familiar, de uma família gigantesca e generalizada, à qual não pertencemos e com a qual não queremos nos meter. Apaziguamos assim nossa consciência, enquanto tratamos, isso sim, de cuidar amorosamente de nossos próprios filhos, aqueles que "nos pertencem".

3.3- Atividades sobre o texto

a) Compreensão e interpretação do texto:

Agora vamos resolver as seguintes questões:

1. Quem é a autora da crônica? O que conhecem sobre ela? Procurem ler coisas dessa autora na internet, porque ela possui textos interessantes.
2. A crônica parece atual? Por quê?
3. Qual o tema abordado?

4. Há alguma relação entre esta crônica e a lida na última aula? Explique.
5. Qual a situação que motiva a narrativa?
6. Em qual lugar a narrativa se passa?
7. Como a China tentou resolver a questão da superpopulação de acordo com o texto?
8. Após a leitura do texto, vocês têm uma ideia de quem são essas crianças? Compartilhem o que pensam sobre o assunto.

b) E agora, alunos, vocês vão resolver questões sobre aspectos linguísticos e discursivos do texto:

1. A narrativa retrata um fato circunstancial, isolado ou que se repete várias vezes? Indique quais palavras e termos expressam o que você escolheu.
2. No trecho: *“Eu, na rua, com pressa, e o menino segurou no meu braço”*, pode-se afirmar que há um verbo que não aparece em uma parte do trecho destacado? Qual seria este verbo?
3. E na passagem: *“Talvez não fosse um Menino De Família, mas também não era um Menino De Rua”*. O que a narradora leva a entender ao utilizar os termos de família e de rua?
4. Na sequência: *“O Brasil está mais adiantado. Nossos educadores sabem perfeitamente o que seria necessário para eliminar as deficiências das crianças carentes. Mas aqui também os métodos ainda não foram desenvolvidos”*, ocorre uma figura de linguagem. Qual figura é essa? E por que é possível afirmar que se trata de tal figura?
5. No segmento: *“Na verdade, não existem meninos De Rua. Existem meninos NA rua”*, qual a diferença ressaltada pelas preposições **da** e **na**?
6. No trecho: *“Talvez não fosse um Menino De Família, mas também não era um Menino De Rua”*, por quais outros advérbios ou locuções adverbiais seria possível trocar o termo talvez sem alteração de sentido? Reescreva a frase com pelo menos duas opções de troca.

c) A estrutura do gênero crônica:

- 1) Quais as características estruturais do texto lido?
- 2) Em qual pessoa a narrativa é feita?

3) A narrativa tem personagens? Quais?

4) Como os diálogos da narrativa estão pontuados (com travessão, aspas)?

4. MÓDULO III (Aulas 7 e 8)

4.1. Atividade de sensibilização

Pessoal, sobre o que falamos quando lemos a primeira crônica? Quais temas levantamos? E na última aula? Que bom que todos se lembram. Hoje nós vamos falar sobre aparências, então respondam, por favor, às seguintes perguntas:

- Quem aqui liga para objetos e produtos de marca?
- Vocês acham que possui alguma diferença um produto de marca x por um similar de uma marca mais famosa?
- Já verificaram se existe diferença na qualidade, na beleza ou na vida de algum de vocês? Se sim, quais?
- Vocês comprariam por um valor mais alto um produto só por causa da marca?
- Vocês acham que as aparências importam? Se sim, por quê? E se não, por quê?

4.2. Obrigada por responderem a essas questões, o texto de hoje trata disto, então vamos ler em silêncio e depois leio para todos.

A glória do falso- Moacyr Scliar

Nike destrói 45 mil pares de tênis piratas.

Dinheiro, 9. ago.2000.

Prezados senhores: uns amigos me falaram que os senhores estão para destruir 45 mil pares de tênis falsificados com a marca *Nike* e que, para esse fim, uma máquina especial já teria até sido adquirida. A razão desta cartinha é um pedido. Um pedido muito urgente. Antes de mais nada, devo dizer aos senhores que nada tenho contra a destruição de tênis, ou de bonecas Barbie, ou de qualquer coisa que tenha sido pirateada. Afinal, a marca é dos senhores,

e quem usa essa marca indevidamente sabe que está correndo um risco. Destruam, portanto. Com a máquina, sem a máquina, destruam. Destruir é um direito dos senhores. Mas, por favor, reservem um par, um único par desses tênis que serão destruídos para este que vos escreve. Este pedido é motivado por duas razões: em primeiro lugar, sou um grande admirador da marca *Nike*, mesmo falsificada. Aliás, estive olhando os tênis pirateados e devo confessar que não vi grande diferença deles para os verdadeiros. Em segundo lugar, e isto é o mais importante, sou pobre, pobre e ignorante. Quem está escrevendo esta carta para mim é um vizinho, homem bondoso. Ele vai inclusive colocá-la no correio, porque eu não tenho dinheiro para o selo. Nem dinheiro para selo, nem para qualquer outra coisa: sou pobre como um rato. Mas a pobreza não impede de sonhar, e eu sempre sonhei com um tênis *Nike*. Os senhores não têm idéia de como isso será importante para mim. Meus amigos, por exemplo, vão me olhar de outra maneira se eu aparecer de *Nike*. Eu direi, naturalmente, que foi presente (não quero que pensem que andei roubando), mas sei que a admiração deles não diminuirá: afinal, quem pode receber um *Nike* de presente pode receber muitas outras coisas. Verão que não sou o coitado que pareço. Uma última ponderação: a mim não importa que o tênis seja falsificado, que ele leve a marca *Nike* sem ser *Nike*. Porque, vejam, tudo em minha vida é assim. Moro num barraco que não pode ser chamado de casa, mas, para todos os efeitos, chamo-o de casa. Uso a camiseta de uma universidade americana, com dizeres em inglês, que não entendo, mas nunca estive nem sequer perto da universidade - é uma camiseta que encontrei no lixo. E assim por diante. Mandem-me, por favor, um tênis. Pode ser tamanho grande, embora eu tenha pé pequeno. Não me desagradaria nada fingir que tenho pé grande. Dá à pessoa uma certa importância. E depois, quanto maior o tênis, mais visível ele é. E, como diz o meu vizinho aqui, visibilidade é tudo na vida.

4.3. Atividades sobre o texto

a) Todos entenderam o texto? Se tiverem dúvidas, perguntem. Então, prosseguindo, vamos falar sobre o texto.

- 1) Qual o tema do texto?
- 2) Existe uma razão para o texto ter sido escrito?
- 3) Vocês acreditam que esse texto foi escrito em algum livro literário ou em um jornal. Por quê?
- 4) Por que ele precisa que o vizinho envie a carta pelos Correios?

- 5) Qual é a razão pela qual o homem que escreve a carta não se importa se o tênis é original ou falsificado?
- 6) O narrador diz que: “Meus amigos, por exemplo, vão me olhar de outra maneira se eu aparecer de *Nike*”. O que poderia significar essa outra forma de ver o personagem?
- 7) Vocês conhecem outras obras do autor Moacyr Scliar? Se sim, quais? Caso não conheça, pesquise sobre outras obras produzidas pelo autor, sobre quais temáticas ele aborda em seus textos.

b) Agora passemos às questões linguísticas sobre o texto:

- Na passagem: “uns amigos me falaram que os senhores **estão para destruir** 45000 pares de tênis...”, é possível trocar a expressão em destaque por uma forma verbal única. Informe qual seria a forma verbal adequada.
- No trecho: “a marca é dos senhores, e quem usa essa marca indevidamente sabe que está correndo um risco. Destruam, **portanto**.”, sabemos que o termo destacado é uma conjunção conclusiva. No caso do trecho destacado, o que o uso desta conjunção pretende reforçar?
- Na seguinte passagem: “*Ele vai inclusive colocá-la no correio, porque eu não tenho dinheiro para o selo. Nem dinheiro para selo, nem para qualquer outra coisa: sou pobre como um rato. Mas a pobreza não impede de sonhar, e eu sempre sonhei com um tênis Nike.*”, qual o sentido expresso pela conjunção destacada “mas”? Justifique sua resposta.
- Supondo que no trecho acima o termo **mas** fosse trocado por **embora** ou **apesar de**, quais alterações deveriam ser feitas na sequência acima? Apresente a sequência com as alterações.
- No trecho: “*Moro num barraco que não pode ser chamado de casa, mas, para todos os efeitos, chamo-o de casa. Uso a camiseta de uma universidade americana, com dizeres em inglês, que não entendo, mas nunca estive nem sequer perto da universidade*”, qual ideia o conectivo **mas** está reforçando? Explique.
- Na sequência: “E depois, **quanto maior** o tênis, **mais visível** ele é”, os termos em destaque expressam qual ideia? Por quê?

c) Agora respondam às questões seguintes sobre o gênero crônica:

- 1) No texto de Moacyr Scliar existe algum indicativo de tempo? Caso haja, indique.
- 2) Você diria que esse texto trata de uma crônica? Por quê?
- 3) Na sua opinião este texto seria mais facilmente possível de ser encontrado em um livro didático ou em um jornal? Por qual motivo?
- 4) Qual a relação do título escolhido para o texto e o conteúdo que ele levanta?

4. Produção de texto (Aulas 9 e 10)

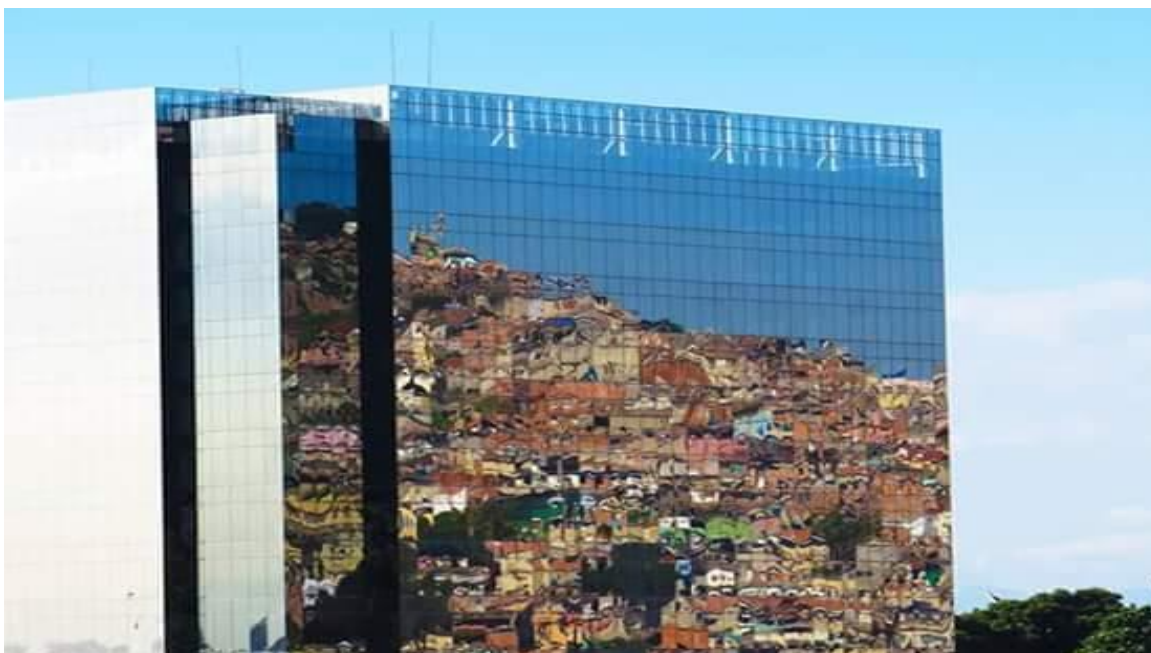
4.1. Podemos definir interdiscursividade como a relação entre distintos discursos. Por exemplo: pode-se dizer que dois textos que tratam da magia do futebol, sob um ponto de vista idêntico em relação ao tema, ainda que tenham sido escritos por autores diferentes e em época diferentes estabelecem relações de interdiscursividade entre si.

- a) No caso das três crônicas que foram lidas por nós, nas últimas aulas, podemos dizer que existem relações entre elas? Se sim, quais?
- b) Caso a resposta para a questão acima seja positiva, na sua opinião, quais textos mais se parecem entre si, o primeiro e o segundo etc...? Por quê?
- c) Você gostou dos textos lidos? De qual mais gostou ou menos gostou e por quê?
- d) O que você diria a alguém que foi vítima de racismo, abandono ou que vive muito preocupado com as aparências?

4.2. Agora podem ver que aprendemos muito nas últimas aulas, certo? Falamos sobre qual gênero textual mesmo? Quais temas? Certo, agora vocês devem falar, mas por meio de uma produção textual de um texto do mesmo gênero no qual trabalhamos. Vocês têm duas opções para essa atividade:

1ª- A partir da leitura da segunda e terceira crônicas e da imagem abaixo, escreva um texto do gênero crônica abordando a questão da desigualdade social. Lembre-se que o gênero é breve e

deve estar relacionado a um recorte temporal do cotidiano, como nos textos analisados durante as últimas aulas.



Disponível em:

<https://www.reddit.com/r/brasil/comments/a4o2h5/algu%C3%A9m_sabe_onde_esta_foto_foi_tirada/>. Acesso em dez. 2020.

2ª- Suponha que você esteja passando por um andar de um shopping e vê uma jovem tirando uma selfie exibindo um objeto novo que comprou, e então assim que posta a selfie, retome sua expressão tristonha e solitária. Imagine esta cena e a partir da leitura da crônica *A glória do falso*, desenvolva uma crônica trabalhando a temática da situação apresentada. Imagine que sua crônica será publicada na seção de crônicas de um jornal que é lido por muitas pessoas.

5. Autoavaliação do texto produzido

Alunos, é importante que enquanto escrevem o texto e após a finalização, vocês observem se estão atendendo aos seguintes aspectos:

- O texto obedece ao gênero proposto? Por quê?
- Seu texto tem falas entre personagens? Qual pontuação foi utilizada para marcar essas falas?
- A ortografia está adequada?
- Em qual situação se passa sua história? É um momento em um dado período de tempo ou é mais de um momento do dia?
- Qual das atividades você optou por fazer?

- Você apresentaria sua crônica em um jornal ou livro didático? Por quê?

6. Alunos, eu vou corrigir os trabalhos de vocês e verificar se estão de acordo com o que combinamos, o que acham de colocarmos esses textos numa página, pode ser no grupo da sala, na página do mural da escola. Se vocês autorizarem, criaremos.

Referências

ALVES, Rubem. **Que vontade de chorar.** *In:* Portal raízes (site). Disponível em: <<https://www.portalraizes.com/que-vontade-de-chorar-uma-cronica-emocionante-de-rubem-alves/>>. Acesso em dez. 2020.

ASSIS, Machado de. **Um caso de burro.** *In:* Escrevendo o futuro (site). Disponível em: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/paginas-literarias/artigo/457/coletanea-de-textos-do-caderno-a-ocasio-faz-o-escritor-um-caso-de-burro>>. Acesso em dez. 2020.

COLASANTI, M. **De quem são os meninos de rua?** *In:* Armazém do texto. Disponível em: <<https://armazemdetexto.blogspot.com/2019/08/cronica-de-quem-sao-os-meninos-de-rua.html>>. Acesso em dezembro 2020.

SCLIAR, M. **A glória do falso.** Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1408200004.htm>>. Acesso em dezembro 2020.